

Se liga, são elas na física



SOPHIE GERMAIN (1776 - 1831)

Vim de uma família burguesa que viveu em uma França extremamente patriarcal: o papel da mulher se limitava basicamente ao de ser dona de casa. Mas desde pequena comecei a me interessar pela matemática e pela física. De madrugada, enquanto todos dormiam, eu mergulhava na biblioteca do meu pai e pescava livros científicos. Estudei sozinha as obras de Isaac Newton e Leonhard Euler. Com este balaio de conhecimento, consegui percorrer o caminho que me levou a ser uma cientista em pleno século 19. Mas batalhei muito para pular os obstáculos que dificultavam a minha trajetória acadêmica.

Publiquei até trabalhos científicos e, para ter acesso às anotações das aulas da École Polytechnique (E.P), adotei, em algumas situações, o nome de um ex-aluno da academia (Antoine-Auguste Le Blanc). Usei um nome masculino não só para receber as anotações das aulas, mas também para enviar perguntas para a E.P. Além disso, pude me comunicar com alguns nomes famosos das Ciências Exatas, como o matemático Carl Friedrich Gauss. Não é para me gabar, mas a qualidade das minhas correspondências levou Joseph-Louis Lagrange a me chamar para uma entrevista na École Polytechnique. Ele me apresentou e me defendeu várias vezes, tanto na E.P, quanto na Academia Francesa de Ciências. Jacques Cousin e Adrien-Marie Legendre também colaboraram comigo, mesmo sabendo que eu era mulher. Em pouco tempo os cientistas da França passaram a saber disso.

Minha maior contribuição foi nas áreas da matemática e física: demonstrei o *Teorema de Sophie Germain*, o primeiro avanço relativo ao *Teorema de Fermat* desde Leonhard Euler. Dei continuidade ao trabalho de Lagrange no estudo de equações diferenciais. Em várias ocasiões disputei o prêmio da Academia Francesa de Ciências. Em 1815 recebi uma menção honrosa e no ano seguinte, a distinção por minhas teorias sobre membranas vibrantes. Fui a primeira mulher a ganhar esta honraria. No entanto, como cientista não obtive o reconhecimento da mesma forma que os homens.

O câncer de mama me tirou a vida quando eu tinha 55 anos de idade, em 1831. Foi exatamente quando o matemático Gauss convenceu a Universidade de Göttingen a me conceder um título de Doutora Honoris Causa, uma das maiores distinções que um matemático da época poderia receber. Mas a vida muitas vezes nos prega peças: morri antes da cerimônia.

REFERÊNCIAS

- "Sophie Germain: Uma Matemática Formada às Escondidas e Quase Esquecida", de Lindamir Salete Casagrande. Ilustração: Paula Prado Múriel. O livro integra a série "Meninas, Moças e Mulheres que Inspiram", da Editora Verso.
- "Nothing Stopped Sophie: The Story of Unshakable Mathematician Sophie Germain" (2018), de Cheryl Bardoe (autor) e Barbara McClintock (ilustradora)
- "Profiles in Mathematics: Sophie Germain" (2008), de Stephen Ornes
- "Last Theorem", de Arthur C. Clarke e Frederik Pohl: livro de ficção cuja protagonista, Ranjit Subramanian, foi inspirada em Sophie Germain.
- "Sophie Germain: Revolutionary Mathematician" (2020), de Dora Musielak

Créditos

Texto: Florência Costa
Retratos: Rayane Oliveira da Silva Pires
Identidade visual da exposição: Camila Moesia
Template: Marina Moesia

